

A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS COMO ACÇÃO SITUADA

Jorge Souto

A análise de que trata o presente artigo baseou-se num estudo exploratório de carácter etnográfico¹ em duas redacções da Rádio Televisão Portuguesa (empresa detentora da concessão de serviço público de televisão) em que o enfoque se centrou na forma como os noticiários acontecem diariamente. O objectivo central deste trabalho foi compreender até que ponto as notícias são moldadas pelas decisões quotidianas de uma grande quantidade de profissionais envolvidos no processo da sua produção.

Propomos o conceito de 'acção situada' para ilustrar uma característica que ressaltou da observação etnográfica: a dependência evolutiva e contextual das notícias em relação ao seu processo de produção. Para contextualizar esta abordagem, faremos uma breve revisão da literatura baseada em estudos etnográficos sobre a produção de notícias (grandemente centrada no papel dos actores principais deste processo: os jornalistas). Seguidamente exemplificamos alguns dos contextos do processo de produção para apresentarmos a abordagem do processo de produção de notícias como 'acção situada'.

DESCRIÇÕES DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

A literatura sociológica reconhece, de há muito, a importância das notícias na criação e manutenção de um núcleo partilhado de informações sobre a sociedade e mesmo na construção social da realidade. Os meios de comunicação, e os meios noticiosos em particular, são vistos como uma parte essencial da esfera pública, permitindo um olhar crítico da sociedade sobre si própria (Habermas 1974, 1989; Allan, 1997; Corner 1996, 1999; Dahlgren e Sparks, 1991). Nas últimas décadas, as notícias televi-

1. O trabalho de campo realizou-se no âmbito de uma dissertação para o Master in Communications and Technology da Universidade de Brunel, Londres, em 2000. O autor agradece aos professores Jenny Kitzinger e David Oswell pela orientação.

sivas, em particular, tornaram-se um meio central para os cidadãos obterem informações sobre o que está a ocorrer no mundo exterior ao seu ambiente imediato.

A pesquisa sobre a forma como as notícias são produzidas iniciou-se com um número reduzido de estudos que se concentravam em aspectos específicos do processo de produção. O modelo de *gatekeeping* ou "guarda-portão" (White; 1950 [1999]) punha em destaque o processo contínuo de escolha e rejeição da informação que chega a uma organização noticiosa e a posição do editor como principal definidor das notícias publicadas. White propôs que as idiossincrasias deste jornalista eram as razões principais para a escolha das notícias publicadas:

Através do estudo das suas razões manifestas para rejeitar histórias noticiosas provenientes das agências podemos apreciar quão altamente subjectiva, quão baseada no conjunto de vivências do próprio *gatekeeper*, nas suas atitudes e expectativas, é a comunicação das 'notícias'. (White, 1950 [1999]: 72).

Esta casualidade foi questionada (e rebatida, de acordo com Schudson, 1996: 142), pelo estudo comparativo, de Walter Gieber (1964 [1999]), das actividades de *gatekeeping* de 16 editores de notícias de agência nos jornais diários do Wisconsin, em 1956. Neste estudo, baseado numa perspectiva construtivista, Gieber define o processo de selecção do *gatekeeper* como estando principalmente "relacionado com objectivos de produção, rotinas burocráticas e relações interpessoais no interior da redacção" (Gieber, 1964 [1999]: 219). Além disso, Gieber constatou que "as avaliações pessoais raramente faziam parte da selecção do *gatekeeper* e que os valores [da cultura organizacional] do seu empregador eram uma componente aceite do ambiente da redacção" (Gieber, 1964 [1999]: 219). Este estudo apresenta, assim, a actividade jornalística e o seu produto como resultando dos constrangimentos organizacionais e destaca a importância dos aspectos produtivos na compreensão das notícias: "A notícia é aquilo que o jornalista faz dela" (p. 223). Analisa ainda as relações entre o jornalista e as suas

fontes para salientar, uma vez mais, o carácter burocrático da recolha de notícias e os processos (persuasão e sociabilidade) utilizados pelas fontes institucionais para "assimilarem a imprensa nos seus quadros de referência" (Gieber, 1950 [1999]: 222). Sigal (1973 [1999]) argumenta que os jornalistas preferem fontes autorizadas tais como responsáveis governamentais e que a maior parte das notícias dos jornais é baseada em informações prestadas por fontes oficiais através de canais oficiais. Fishman (1980 [1999]) estudou repórteres de imprensa e defende que o trabalho é organizado burocraticamente para os jornalistas (p. 108). Fishman chama a atenção para o facto de as organizações burocráticas (tais como a polícia ou os tribunais) serem fornecedores estáveis de informações aos jornalistas - que, conseqüentemente, contam com os funcionários e com as autoridades como fontes regulares para a produção de notícias. A "ronda" por essas instituições é o meio de o repórter obter informações relevantes da e para a sociedade. É importante notar que o jornalismo radiofónico e televisivo não depende tanto destas "rondas" como fontes primárias de recolha de informações (o que foi reconhecido, por exemplo, por Epstein 1973: 141), sendo uma parte importante da informação recolhida através das agências noticiosas.

A metáfora do *gatekeeper* foi posteriormente refinada por Pamela Shoemaker (1991 [1999]). Esta autora reconhece a relevância das preferências individuais, dos processos de tomada de decisão e dos valores em termos da selecção das possíveis histórias, mas explica igualmente que estas decisões ocorrem no contexto das rotinas e constrangimentos de uma organização específica.

Do mesmo modo, foram conduzidas pesquisas para compreender os processos da conformidade dos jornalistas com a política editorial da organização noticiosa (Breed, 1955 [1999]). Os factores mais importantes para criar e manter a conformidade foram identificados como sendo sentimentos de "obrigação e estima pelos superiores" (Breed, 1955 [1999]: 84), destacando assim a importância de grupos de referência no trabalho noticioso. Embora chamando a atenção para o trabalho do jornalista enquanto membro de

um grupo e para a sua relação com os objectivos e políticas organizacionais, Breed aponta também cinco condições que permitem aos jornalistas contornarem a política noticiosa da organização quando esta entra em contradição com o objectivo, tal como o apercebem, de informar o público. Estas condições têm a ver com a possibilidade de contornar disposições de política editorial genéricas, não explicitadas formal e materialmente, e que são, conseqüentemente, vagas; a possibilidade de os jornalistas passarem a informação para outros meios de comunicação se a sua história for recusada; o nível de atenção e envolvimento prestado pelos editores ou outros membros da direcção a uma peça noticiosa específica; a possibilidade de enquadrar um conjunto de informações em várias 'formatações' alternativas e com diferentes graus de liberdade para o jornalista; e o status público e profissional do repórter responsável por investigar e escrever a notícia. Além disto, Breed chama a atenção para o facto de a história ser moldada, inerentemente, pelas decisões práticas do jornalista a quem foi distribuída:

Com base em convicções pessoais e códigos profissionais o jornalista tem a opção de fazer selecções em numerosos pontos. Pode decidir quem entrevistar e quem ignorar, as perguntas a fazer, quais as citações a notar, e, ao escrever a história, quais os elementos a incluir (com vista, desde logo, à manchete), os elementos a ignorar, e, genericamente, qual o tom a dar aos vários elementos possíveis da história (Breed, 1955 [1999]: 83).

Gaye Tuchman (1972 [1999]) analisou o uso da noção de "objectividade" enquanto ritual estratégico para defender os jornalistas das críticas - tanto externas (acções por difamação) como no interior da organização (pelos seus superiores). Tuchman chama a atenção para a existência de pretensões de objectividade em várias profissões como meio de desviar críticas potenciais, incluindo no trabalho de pesquisa executado por cientistas sociais. A principal diferença é que, ao contrário da pesquisa sociológica, "O processamento das notícias não deixa tempo para o exame epistemológico reflexivo" (Tuchman, 1972 [1999]: 298). Tuchman salienta alguns

processos importantes da produção de notícias que estão ligados à pretensão de objectividade. O mais importante é a verificação: Presume-se que o jornalista verifique a informação que utiliza na sua história. A "apresentação de possibilidades conflitantes", a "apresentação de provas de suporte", (Tuchman, 1972 [1999]: 300) e a utilização de citações são ainda outros meios de apresentar a realidade sob a forma de uma história noticiosa. Se não houver possibilidade de identificar uma versão precisa do que aconteceu, ou se houver versões contrárias de uma realidade registável, então a objectividade é mantida apresentando as afirmações contraditórias dos diversos intervenientes.

Tuchman (1973) estudou ainda o método utilizado pelos jornalistas para criar rotinas que permitam lidar com a subitaneidade, o carácter inesperado, das notícias. O argumento é que, embora os jornalistas apresentem o mundo e as notícias como imprevisíveis, desenvolvem estruturas em que encerram os diferentes acontecimentos na sociedade. Segundo Tuchman (1973), os jornalistas utilizam as tipificações para criar rotinas para as suas práticas de trabalho. Anteriormente, Tunstall (1971), que estudou correspondentes especializados, havia argumentado que, no interior de uma organização de comunicação social, "a organização das notícias editoriais terá basicamente um carácter não rotineiro, enquanto a organização de comunicação será, na sua globalidade, muito mais rotineira" (p. 25, *italico no original*).

Utilizando igualmente uma abordagem organizacional, Siegleman (1999 [1973]) investigou o trabalho dos jornalistas políticos em dois jornais de tendências opostas numa cidade do sudeste dos Estados Unidos para compreender a natureza do facciosismo noticioso. Concentrou-se nos processos de recrutamento, de controlo e nos mecanismos de socialização no interior das organizações noticiosas. Verificou que não existiam políticas formal e abertamente declaradas em termos de inclinação política e que o controlo organizacional era conseguido através da interligação das características técnicas do processo da produção das notícias (em particular revisão e edição) e da socialização com os jornalistas de posição mais ele-

vada. Além disto, "o recrutamento, a socialização, e o controlo estão estruturados de tal modo que preservam, para o repórter, a mitologia institucional da informação objectiva, enquanto asseguram aos dirigentes dos meios jornalísticos atitudes e desempenhos favoráveis" (Siegleman 1999 [1973]): 94).

Durante as décadas de 70 e 80 do século XX vários investigadores dedicaram-se à produção de etnografias aprofundadas que descreviam os factores profissionais, burocráticos e organizacionais da produção de notícias. O conhecimento sociológico da produção de notícias na televisão foi, assim, consideravelmente aumentado. Epstein (1973) estudou as notícias das cadeias de televisão nos Estados Unidos e salientou a importância dos constrangimentos técnicos e económicos na forma dada à mensagem. Salientou igualmente a dinâmica interna do processo de produção para concluir que "os imperativos empresariais das cadeias televisivas, e a lógica que deriva dessas exigências, moldam irresistivelmente a imagem da sociedade em direcções consistentes" (Epstein 1973: 265).

A divisão noticiosa da BBC foi o enquadramento escolhido por Schlesinger (1992) para estudar as notícias radio e teledifundidas. Também ele enfatiza a organização burocrática do processo de produção e as suas consequências para as notícias difundidas. Schlesinger descreve as notícias diárias como "construídas no contexto de uma estrutura de expectativas firmes que são utilizadas para guiar a implementação dos recursos disponíveis" (p. 79). Este processo é visível nomeadamente na constituição em todas as organizações noticiosas de um serviço de agenda que permite planificar e planear a alocação de recursos em determinados pontos do tempo e do espaço, em função de critérios de relevância jornalística mas, também, de custo/benefício.

Schlesinger estuda também o factor tempo, tanto enquanto constrangimento da produção numa "cultura de cronómetro" (pp. 83-105), como enquanto conceito que guia a selecção das notícias em função da sua imediatidade.

Uma outra etnografia extensa resultou do estudo comparativo das principais organizações noticiosas de televisão e revistas de

informação geral dos Estados Unidos. Herbert Gans (1979 [1980]) concluiu que a decisão sobre o que constitui notícia implica um grupo de decisões (disponibilidade das fontes e adequação; interesse da história, factor novidade, qualidade; e relevância para o meio noticioso específico) que existe "para criar rotinas sobre a tarefa jornalística, tornando assim possível o funcionamento das organizações" (Gans 1979 [1980]: 281).

O trabalho de Ericson, Baranek e Chan (1987 [1999]), também de uma perspectiva organizacional, proporciona uma descrição dos processos de produção de notícias e das diferentes funções profissionais jornalísticas nas redacções de televisões e jornais canadianos. No que se refere à televisão, este estudo oferece uma discussão diagramática do trabalho jornalístico na Redacção mas não foca o restante trabalho necessário para produzir e difundir um boletim noticioso (nomeadamente o trabalho de operadores de câmara, editores de vídeo e profissionais de estúdio).

Um outro importante estudo comparativo analisou a produção de notícias na Irlanda, Suécia e Nigéria (Golding e Elliot 1979 [1999]) Os investigadores descobriram que existiam apenas pequenas diferenças nas rotinas organizacionais de produção. O jornalismo para radiodifusão (rádio e televisão) é representado como "um processo altamente regulado e rotineiro de fabrico de um produto cultural numa linha de montagem electrónica" (p. 119) que está mais relacionado com os constrangimentos de tempo e económicos do que com as características individuais dos jornalistas ou com o contexto cultural. As notícias produzidas são consistentemente sobre um grupo seleccionado de actores sociais poderosos e são deficitárias no que se refere à análise das causas sociais e estruturais e às implicações dos acontecimentos.

Outros investigadores como Galtung e Ruge (1965 [1999]) fizeram considerações semelhantes acerca da natureza "independente de aspectos culturais" (p. 25) dos valores noticiosos, desta vez na análise das notícias da secção de internacional. Explicaram a selecção das histórias pela interacção de factores como a frequência, amplitude, clareza, significância (em que se incluem a

proximidade e relevância culturais), consonância, imprevisibilidade, continuidade e composição. As suas análises identificam também quatro factores que "influenciam a transição de acontecimentos para histórias noticiosas" (p. 25): a presença de nações de elite, a presença de pessoas de elite, a possibilidade de personalizar o evento e as consequências negativas do evento.

Outros estudos concentram-se nos valores do profissionalismo entre os jornalistas. Soloski (1989 [1999]) argumenta que o profissionalismo dos jornalistas actua como um suporte implícito do "sistema político-económico existente (...) ao fazer com que este pareça ser o estado natural das coisas" (p. 318). Soloski chama ainda a atenção para as políticas editoriais no interior da organização como um meio para reduzir o potencial de conflito entre a direcção e os jornalistas.

Partindo de uma abordagem construtivista, Tuchman (1978) aponta igualmente para o profissionalismo mas para argumentar que "o profissionalismo e as decisões que dele derivam são o resultado das necessidades organizacionais" (p. 2).

A grande maioria das análises, oriundas das ciências sociais, sobre a produção de notícias parece dar pouca importância aos profissionais que, além dos jornalistas, participam no processo de produção e, em algum grau, por essa razão o influenciam. Por outro lado, apesar de os esforços analíticos e críticos se centrarem nas regularidades que são consequência do processo de produção, parece existir espaço para uma tentativa de conceptualização das vertentes menos rígidas do mesmo processo.

PRODUÇÃO DO BOLETIM NOTICIOSO TELEVISIVO: ALGUNS CONTEXTOS

As notícias televisivas não são apenas o que os jornalistas de televisão fazem. São mais do que isso. Todas as noites as audiências que assistem aos boletins noticiosos na televisão dificilmente imaginam o número de profissionais e o equipamento técnico necessários para os produzir e difundir. A produção de notícias é um processo complexo e multi-faseado que exige os contributos de um grupo de

peçoas com diferentes culturas profissionais, necessidades práticas e diferentes graus de importância para o produto final.

As notícias são o resultado de uma longa cadeia de decisões que recolhem, seleccionam, rejeitam, ordenam e apresentam a informação. São também o resultado de um processo organizacional que resulta dos contributos de diferentes profissionais. Se é verdade que o processo organizacional, as etapas da produção das notícias e os fluxos de trabalho são aspectos estáveis e previsíveis do processo (Golding e Elliot 1979), o mesmo não é totalmente verdade para os produtos que estão a ser criados. O processo de produção em que as histórias noticiosas são moldadas e reunidas num boletim de notícias é uma rotina estável, composta por etapas sucessivas. No entanto o produto final desse processo nunca é totalmente conhecido antecipadamente.

A observação etnográfica do processo de produção de notícias na Rádio Televisão Portuguesa tornou mais visíveis algumas tensões que são inerentes à lógica interna do processo de produção de notícias, nomeadamente as tensões entre profissionais ligados aos conteúdos e aqueles que desempenham tarefas ou funções ligadas aos requisitos técnicos e de aparência audiovisual. A materialização ou resolução destas tensões pode ter influência nos resultados do processo de produção.

Uma boa maneira de representar a história noticiosa ou o boletim de notícias, do ponto de vista da sua produção, seria como um processo contínuo de tomada de decisões, por parte de vários actores, que usam ou descartam opções possíveis com base num determinado contexto. O processo de produção é inerentemente sensível ao contexto e o resultado de contributos muito diversificados. Parece existir alguma dose de arbitrariedade nas escolhas de produção em cada nível do processo, quer em termos dos conteúdos quer em termos das decisões que respeitam à forma como estes são apresentados. É por esta razão que se torna difícil prever totalmente o modo como uma história noticiosa aparecerá ao espectador no fim do processo.

Exemplifiquemos alguns desses momentos em que a diferentes contextos poderão corresponder diferentes respostas e, conseqüentemente, diferentes conjuntos de informação acessível à audiência, no final do processo.

A maior parte das notícias televisivas necessita de que, nas fases iniciais do processo de produção, um profissional capte e registre sons e imagens. Da mesma forma, a grande maioria das informações que recebemos na forma de notícia televisiva pressupõem o trabalho de montagem e sequenciação de sons e imagens. Os operadores de câmara e os editores de vídeo têm uma influência decisiva naquilo em que o produto final se torna porque "contam a estória por imagens" (operador de câmara RTP). Ambos os profissionais influenciam, com o seu trabalho, a notícia a que o espectador tem acesso. O operador de câmara registará imagens e sons baseado nos códigos da linguagem televisiva e restringido pelas características técnicas da câmara de vídeo. As imagens e sons captados serão o resultado das reacções individuais do operador a uma série de factores contextuais como as possibilidades permitidas pelo local, os pedidos e instruções do jornalista quanto às imagens e sons que aquele considera importantes, e o decorrer da acção ou evento a registar.

Também o processo de edição tem um impacto naquilo a que a audiência tem acesso. "A edição envolve a seleção de certos fragmentos filmados de um assunto e o seu arranjo numa ordem que aparente uma representação coerente de um acontecimento. O mesmo conjunto de imagens pode, contudo, apresentar diferentes visões coerentes, dependendo da forma como forem editadas" (Epstein, 1973, 174). Será o editor de vídeo que decidirá, momento a momento, quais as imagens (de entre as disponíveis) que ilustram a estória escrita pelo jornalista. O objectivo é que tanto as imagens como o texto contem a mesma estória. A observação das redacções da RTP mostrou que a sociabilidade desempenha um papel importante no equilíbrio entre as preocupações relacionadas com a forma manifestas no trabalho do editor de vídeo e o enfoque do jornalista, mais virado para o conteúdo. Principalmente porque,

neste ponto do processo de produção, o tempo é normalmente um constrangimento importante nas decisões contextuais da equipa editor de vídeo/jornalista.

Ao nível da emissão, os profissionais de estúdio e régie (operadores de câmara, iluminadores, assistentes de imagem, operadores de mistura vídeo e áudio) têm a responsabilidade de manter os canais abertos durante a emissão e, como o seu trabalho é raramente notado pelos espectadores, é-lhe atribuído, consequentemente, menor importância. Só quando ocorre um erro evidente é que o espectador se apercebe da presença deste aparato técnico (por exemplo, quando o operador de som não eleva a fonte de áudio que permite que o som de um microfone possa ser emitido - e o espectador vê alguém a falar mas não ouve o que está a ser dito - ou, ainda, quando uma câmara está desfocada). Os erros humanos ou as falhas técnicas podem ter um impacto negativo nos conteúdos que as audiências recebem porque introduzem ruídos inesperados na comunicação.

A componente do processo de produção durante o tempo em que a emissão "está no ar" tem uma influência directa na informação a que a audiência tem acesso. Durante este período, o jornalista com a função de pivô ou apresentador do noticiário é um elemento instrumental na apresentação das estórias e na eventual contextualização da informação fornecida sob a forma de entrevistas ou debates em estúdio. O pivô conduz entrevistas para as quais elaborou um guião em função das perguntas que, num determinado contexto, considerou relevantes mas nunca tem a certeza de que respostas irá obter e, em consequência, de como a entrevista irá evoluir no sentido de apresentar (ou não) novas informações à audiência.

Os noticiários só ficam completamente estabilizados após a emissão. Até esse momento podem estar sujeitos a alterações (por exemplo, problemas na produção de peças alinhadas ou novas informações que possam implicar reorganizações do plano inicial de alinhamento). O processo de produção das notícias em televisão é uma sequência de decisões contextuais que, a diferentes níveis, influenciam os conteúdos transmitidos para o público. A

metáfora das notícias como 'acção situada' chama a atenção para as características evolutivas e muitas vezes reactivas das várias etapas do processo de produção.

A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS ENQUANTO ACÇÃO SITUADA

Numa perspectiva individual, a produção de notícias pode ser descrita como "acção situada". Trabalhando no campo da Inteligência Artificial e da interacção homem-máquina (Human-Computer Interaction), Lucy Suchman (1994) desenvolveu este conceito para descrever a forma como os seres humanos (ou, mais exactamente, as mentes humanas) lidam com as tecnologias. O principal argumento é que as pessoas se entregam normalmente a actividades dependentes do contexto, em vez de seguirem um plano de acção pré-determinado. Esta perspectiva teórica contrariava perspectivas anteriores segundo as quais as acções humanas são o resultado lógico de um plano.

Para Suchman (1994), só quando enfrentamos a necessidade de explicar as nossas acções é que as explicamos como planos. Normalmente, as acções estão ligadas a situações específicas e são, por isso, difíceis de prever. Por exemplo, aprender e recordar são acções situacionais porque são sensíveis ao contexto - recordamos uma coisa devido aos requisitos do contexto e não por termos planeado fazê-lo. Para mais, os planos que são feitos antes da acção não permanecem necessariamente independentes da mesma até ao fim (são normalmente reavaliados e alterados em função dos diversos contextos em que a acção se enquadra). Além disso, a intenção de agir não resulta inevitavelmente numa acção. Há algumas intenções que nunca são postas em prática e algumas acções não derivam de intenções.

Os planos, argumenta Suchman (1994), são descritos mais adequadamente como recursos para as acções, em conjunto com as características contextuais de uma determinada situação.

Do mesmo modo, as notícias parecem ser o produto de uma série de decisões que estão relacionadas com o contexto em que foram tomadas. Se a retiramos da sua estrutura das ciências cogniti-

vas, a metáfora da acção situada é útil para descrever estas características mais fluidas do modo como é executado o trabalho noticioso. Há um plano de acção e uma estrutura organizacional para executar o trabalho, mas ambos são administrados de acordo com os contextos particulares em que as decisões são tomadas. O trabalho dos jornalistas, e de outros profissionais no processo de produção de notícias, pode ser, então, considerado como inerentemente situado.

A estória e o boletim noticiosos são entidades evolutivas baseadas na permanente reorganização de um plano inicial. A produção de notícias pode ser considerada, por essa razão, como acção situada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allan, S. (1997): "News and the public sphere: towards a history of objectivity and impartiality", in Bromley, M. and O'Malley, T. (ed.): *A journalism reader*, Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Breed, W. (1955): "Social Control in the Newsroom: A Functional Analysis", *Social Forces* 33(4), pp. 326-35, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 79-84.
- Corner, J. (1996): "Reappraising reception: aims, concepts and methods", Chapter 14 in Curran, J. and Gurevitch, M. (eds.): *Mass Media and Society*, (2nd ed.), Londres: Arnold.
- Corner, J. (1999): *Critical ideas in television studies*, Oxford: Oxford University Press.
- Dahlgren, P. and Sparks, C. (ed.) (1991): *Communication and Citizenship*, Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Epstein, E. (1973): *News From Nowhere: Television and the News*, Austin: University of Texas Press.
- Ericson, R., Baranek, P. and Chan J. (1987): *Visualizing Deviance: A Study of News Organization*, Toronto: University of Toronto Press, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 97-101.
- Fishman, M. (1980): *Manufacturing the News*, Austin: University of Texas Press, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 102-11.
- Gans, H. (1980): *Deciding What's News: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek and Time*, Londres: Constable. Primeira publicação (1979), Nova Iorque: Vintage.
- Galtung, J. and Ruge, M. (1965): "The Structure of Foreign News", *Journal of International Peace Research* 1, pp. 64-90, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 21-31.

Gieber, W. (1964): "News is what newspapermen make it", in Dexter, L. and White, D. (eds.): *People, Society and Mass Communications*, Toronto: Collier MacMillan, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 218-23.

Golding, P. and Elliot, P. (1979): *Making The News*, Londres and New York: Longman, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 112-20.

Habermas, J. (1974): "The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964)", in *New German Critique*, vol. 3, pp. 49-55, Nova Iorque: Cornell University, Department of German Literature.

Habermas, J. (1989): *The structural transformation of the public sphere: an inquiry into a category of bourgeois society*, Cambridge: Polity Press.

Schlesinger (1992): *Putting 'Reality' Together: BBC News*, Londres: Routledge, primeira publicação (1978): Londres: Constable, primeira publicação como Paperback (1987), Methuen.

Schudson, M. (1996): "The Sociology of News Production Revisited", in Curran and Gurevitch (eds.): *Mass Media and Society*, (2nd ed.), Londres: Arnold, pp. 141-59.

Sigal, L. (1973): *Reporters and Officials: The Organisation and Politics of Newsmaking*, Lexington: D.C. Heath, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 224-34.

Siegleman, L. (1973): "Reporting the News: An Organizational Analysis", *American Journal of Sociology* 79/1, pp. 132-51, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 85-96.

Shoemaker, P. (1991): *Gatekeeping*, Londres: Sage, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press.

Soloski, J. (1989): "News Reporting and Professionalism: Some Constraints on the Reporting of the News", *Media Culture and*

Society, Londres: Sage, pp. 207-28, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 308-19.

Suchman, L. (1994): *Plans and situated actions - the problem of human machine communication*, Cambridge, Melbourne: Cambridge University Press.

Tuchman, G. (1972): "Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity", *American Journal of Sociology*, 77/4, pp. 660-79, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 297-307.

Tuchman, G. (1973): "Making News by Doing work: Routinizing the Unexpected", *American Journal of Sociology*, 79/1, pp. 110-31.

Tuchman, G. (1978): *Making News: A Study in the Construction of Reality*, Nova Iorque: Free Press.

Tunstall, J. (1971): *Journalists at work: Specialist correspondents: their news organizations, news sources and competitor-coleagues*, Londres: Constable.

White, D. (1950): "The Gatekeeper", *Journalism Quarterly* 27, 383-90, in Thumber (ed.) (1999): *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press, pp. 66-72.